

PIEN, PR, 25 DE FEVEREIRO DE 1999

Senhor Governador do Estado do Paraná, meu amigo Jaime Lerner; meu prezado Ministro da Economia de Portugal, Pina Moura, que representa aqui também o Doutor Antônio Guterres; Senhor Ministro do Esporte e Turismo, Rafael Greca; Senhor Diretor-Geral do Grupo Sonae, engenheiro Belmiro de Azevedo; Senhor Presidente do Grupo Brascan, Roberto Paulo César de Andrade; Senhores Parlamentares; Senhores Prefeitos; Senhor Prefeito de Pien; Senhores empresários; Senhoras e Senhores,

O Governador Lerner mencionou o fato de que, pela quarta vez, nas últimas semanas, venho ao Paraná. De fato, a partir do exercício deste segundo mandato, creio que é a terceira inauguração à qual assisto aqui, no Estado do Paraná. Portanto, em menos de dois meses, são fábricas importantes, fábricas de automóveis. Agora, é esta magnífica fábrica, que lida com matéria-prima essencial para este estado.

Isso é um exemplo muito claro, muito direto da vitalidade do Paraná. Posso lhes assegurar, Senhores e Senhoras que aqui se encontram, que quem percorre o Brasil há de ver que no Paraná, existe,

hoje, um adensamento de talentos, de investimentos, de confiança e de esperança. Não há o monopólio.

Ainda anteontem, estive no limite, na fronteira entre São Paulo, Paraná e Mato Grosso do Sul, junto com o Governador Mário Covas, para apertar um botão que fez girar as três primeiras máquinas geradoras de energia de uma usina que terá onze máquinas e que começou a ser construída em 1978. Pela desordem então reinante e pelo flagelo da inflação – e até mesmo pelo pouco empenho da administração no cuidado com a coisa pública – foi sendo postergada, postergada. Somente agora, a partir de 97, foi possível retomar a obra. E ela, hoje, está em funcionamento, gerando energia, possibilitando, portanto, mais fábricas, mais emprego, mais investimento.

Na verdade, durante o exercício do meu primeiro mandato, foi possível colocar em funcionamento ou em marcha obras, só na área energética, que correspondem a um acrescentamento de 40% de toda a capacidade instalada no Brasil até então. Retomamos 23 obras que estavam paralisadas. Dessas, 17 estão prontas. E me refiro a grandes fontes geradoras de energia.

Ainda agora, há poucas semanas, já neste segundo mandato, fui à fronteira do Brasil com a Bolívia, em Mato Grosso do Sul, para dar início, também, à *pipeline*, que, da Bolívia, irá até São Paulo e, de São Paulo, descerá para o Sul do Brasil. Hoje, o gás boliviano corre por esses enormes tubos, que foram fabricados no Brasil. Era um anseio de cinquenta anos, desde os tempos dos acordos de Roboré.

E conversando em São Paulo – e o mesmo vale para o Paraná, que também está ampliando sua capacidade energética – com as autoridades nessa área, me disseram que ainda bem que está chegando o gás, porque nós esgotamos a nossa capacidade de hidreletricidade porque estamos aproveitando, praticamente, todos os recursos disponíveis nessa região do Sudeste do Brasil.

Esse é o Brasil que conta. Esse é o Brasil que tem que dizer sim, com muito entusiasmo, às palavras do próprio Doutor Belmiro Azevedo, quando disse que temos que cuidar dos capitais viscosos. Essa preocupação, que certamente é nossa – não é só nossa, como aqui foi

dito pelo Doutor Belmiro – é uma preocupação que venho reiterando, desde que assumi a Presidência da República, a todos os Chefes de Estado, em especial aos chefes do chamado G-7, os países mais ricos do mundo. A cada reunião do Grupo do G-7, enviei cartas, desde 95, em que sugeria medidas para que fosse possível evitar que, de repente, os capitais que não têm raízes não apenas se esvoacem rapidamente, como, ao esvoaçar, assustem aqueles que têm raiz.

Somente agora, depois de seguidas crises, na Ásia, na Rússia e, finalmente, chegando até nós, agora, na última reunião do G-7, vi contempladas algumas medidas, talvez em nível de estudo, para que nós possamos ter menos volatilidade e mais viscosidade.

Isso não quer dizer controles inaceitáveis. Isso não quer dizer que se proponha uma arquitetura financeira, como disse o Presidente Clinton, em alguns momentos, em nível mundial, que impeça aquilo que é essencial, que é o fluxo de capitais. Mas isso quer dizer que é possível existir um sistema de alarme que mostre esses capitais – mesmo aqueles que cumpram uma função como capitais financeiros, mas quando comecem a ter demasiado, como se diz na gíria de hoje “alavancados” –, quando eles comecem a ser tornar muito voláteis, que haja uma luz amarela que se possa acender, para que o conjunto do Globo possa entender que, aí, alguma coisa há de ser feita.

Os mercados são fundamentais. A globalização – e ninguém melhor que o Doutor Belmiro a descreveu – é um fato do mundo contemporâneo. Um fato que abre oportunidades, como esta fábrica que estamos inaugurando hoje. Nada, portanto, que se oponha ao ritmo dessa construção de mercados cada vez mais amplos e mais globais.

Mas isso não quer dizer que as nações se comportem apenas em função dos ditames dos mercados. As nações não de se comportar sempre pensando que são constituídas por conjuntos de pessoas, que têm objetivos, têm sonhos, têm capacidade de realização, têm capacidade de melhorar, aspiram a ser melhores. Esses anseios legítimos não podem, ou pelo menos não devem, ser derrubados, simplesmente, por uma maré ou por um fluxo mais rápido desses mercados

quando eles não têm enraizamento e quando estão apenas de passagem num país.

Um país, como o nosso, Senhores que vêm de fora e os senhores que estão aqui e que nos conhecem melhor, é um país sólido. Um país que planta fábricas e mais fábricas em plena crise e que não tem medo de crises – porque já as viveu muitas vezes – sabe que tem rumo para ser conduzido e que vai superá-la. E vai superá-la com firmeza. Um país como este será e continuará a ser capaz de atrair talentos, capitais, gente com vontade de colaborar.

Foi com esse espírito que vim, aqui, à inauguração desta fábrica, para testemunhar, eu também – e conversamos no Porto sobre o evento de hoje – a decisão de capitais portugueses, de empreendedores, mais do que capitais portugueses, de empreendedores brasileiros que em conjunto aqui estão, para reafirmar, nesse monumento prático ao futuro, que é essa fábrica a sua confiança no Brasil.

E ouvi, com muita atenção e reconhecimento, as palavras do Ministro da Economia de Portugal – anteontem conversei com o Primeiro-Ministro, Senhor Antônio Guterres, também a expressão do governo de Portugal, o Doutor Pina Moura, que nos disse uma coisa muito importante: não apenas que Portugal, já faz tempo, confia no Brasil – ainda agora, a Assembléia vai votar 1 bilhão de dólares para ajudar o Brasil nas circunstâncias pelas quais estamos passando – mas, mais importante do que isso: investidores privados portugueses já estão alinhados para aplicar, em 99, outro bilhão de dólares aqui no Brasil.

É assim que se responde às dificuldades, trabalhando mais, acreditando mais, plantando as sementes necessárias para a continuidade do crescimento.

Quero, portanto, pedir ao Doutor Pina Moura que transmita ao Doutor Antônio Guterres e ao Presidente Jorge Sampaio a nossa satisfação por nos vermos irmanados, mais uma vez, Brasil e Portugal.

E, aqui, ao chegar a esta fábrica ciclópica, ao verificar que há duas pessoas que, nos computadores, controlam o processo produtivo, ao ver o que significa esse mundo do futuro, que já está presente aqui, não pude escapar de recordar que os portugueses aqui chegaram

com caravelas. E, hoje, aqui chegam blindados, mas blindados com o mesmo entusiasmo, com o mesmo espírito de aventura, e de aventura concreta, porque sabem o que os espera nesta terra de esperança, como viram seus ancestrais. Continuamos juntos e vamos continuar juntos pelos séculos afora, porque é assim que se constroem as pontes que unem as nacionalidades.

Vejo com entusiasmo real, sincero e também afetivo o fato de Portugal estar, crescentemente, se envolvendo no desenvolvimento do Brasil. Tenho certeza de que o Brasil, ao seu momento, fará o que puder também para corresponder, na Europa, à presença portuguesa hoje, aqui, no Brasil. E dia chegará em que nossa presença compensará, também, os esforços que os portugueses hoje fazem para nos ajudar, aqui, no desenvolvimento deste nosso país.

É significativo dizer, também, que aqui, neste Paraná, aqui nesta cidade de Pien, aqui perto da Lapa, perto dos Campos do Tenente, aqui nesta região do Paraná, que, há pouco tempo, era uma região, digamos, cheia de árvore bonita, bucólica, mas não tinha, ainda, as marcas de um futuro mais sólido para seus habitantes, hoje, existe um dinamismo que vai se estender em fábricas, que serão também de móveis, em movimento de exportação, nas teias de comercialização, gerando empregos e mais empregos.

O Paraná, como disse o Governador Lerner, começou no ciclo da madeira, foi afastado dela, volta ao ciclo da madeira. Mas à madeira transformada pelo talento humano, e não só diretamente pela mão humana, pelo talento humano, pela organização, pela capacidade de trabalhar em conjunto, pela capacidade de definir estratégias que são tão ou mais importantes, como já foi dito também, do que a qualidade do trabalho que será produzido.

Por todas essas razões, neste dia já aqui referido como de significação especial para o Paraná e para o Brasil, é também oportuno dizer poucas palavras, mas algumas, sobre o que foi mencionado pelos que me antecederam.

Não tenho dúvida nenhuma, Senhor Governador, Senhoras e Senhores, de que um país que tem essa capacidade como a brasileira,

essa plasticidade como a brasileira, será capaz de encontrar novas formas de união, e que há momentos em que deve primar sobretudo o interesse do povo, o interesse nacional, no sentido próprio, e não o interesse partidário e não o interesse pessoal e não as rixas eventualmente existentes, até mesmo de ordem pessoal.

Tudo isso deve ser posto à margem. Tudo isso deve ser posto à margem e, olhando lá para a frente, na bandeira do Brasil, devemos trazer no nosso coração e nas nossas mãos uma só bandeira, branca, de paz, de tranqüilidade, de confiança, porque, sentados à mesa, com a responsabilidade que temos de conduzir um grande país, saberemos encontrar os caminhos para um ajuste fiscal necessário.

Teremos, sim, a determinação e até a dureza, se necessário for, para fazer aquilo que é imperioso para evitar que a inflação volte ao Brasil. Faremos isso. Mas saberemos ver também, com esse mesmo espírito, as dificuldades existentes, eventualmente, em um ou outro estado, e os problemas estruturais, o principal dos quais mencionou o Governador Lerner, que é uma questão internacional também, é a questão previdenciária.

Será que um país que se faz, como se faz o Brasil, com a colaboração de tanta gente, que se afirma, como se afirma nesta manhã, aqui, não vai ter dirigentes capazes de se sentarem à mesa e de, juntos, encontrarem caminhos para o futuro? Tenho certeza de que sim. E tenho ainda a esperança de que nenhum fique de fora, de que todos entendam a responsabilidade do momento, de que deixem as mágoas e vamos, juntos, caminhar por um grande Brasil, no qual os Senhores confiaram. Eu confio. E, juntos, vamos avançar muito e muito mais.

Muito obrigado.